

A ARQUITETURA NA PERSPECTIVA DA EVOLUÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO

*Rubén Darío Lucas Navarrete**

RESUMO: O acelerado processo de globalização tem sido acompanhado por uma crise de valores e identidades culturais. O desenvolvimento e evolução em conflito dos espaços urbanos que atuam como suporte físico da sociedade, tem refletido esse processo de maneira significativa, provocando uma queda na qualidade de vida na maioria dos casos. A través desta publicação pretendemos contribuir à provocar uma reflexão sobre alguns aspetos da teoria da arquitetura e as legítimas necessidades dos diferentes grupos humanos organizados nas suas respetivas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; tempo; sociedade.

INTRODUÇÃO

Em referência ao texto do David Harvey, *Condição Pós-moderna* (1996) e particularmente a original abordagem do conceito ESPAÇO-TEMPO na evolução da humanidade, acredito seja o material mais importante que tive a oportunidade de conhecer, quanto síntese entre teoria e história como formas de entendimento das mudanças culturais no mundo.

Entendida a cultura como reflexo integral das civilizações que atinge todas as manifestações do ser humano, incluímos a arquitetura. Esta, como petrificação dos momentos da vida, é uma das formas mais fieis de entendimento da evolução da humanidade, pois nela estão refletidos os progressos de uma época, em toda a sua complexidade, e atua como testemunha para a valorização de um período histórico, de como funcionava uma determinada sociedade num momento específico, de forma sincrónica.

* Arquiteto, professor da Escola de Engenharia e Arquitetura da UCPel e mestrando em Desenvolvimento Social pela UCPel.

Toda sociedade auto-identifica-se através das relações de integração social, num espaço e num tempo determinado.

Da análise da conformação dos espaços de uma determinada sociedade, poderemos concluir sobre sua inserção na relação com este, e o tempo, donde desenvolvem-se as suas práticas que definem um estilo de vida.

Neste breve trabalho, sem maiores pretensões, estarei abordando o problema da IDENTIDADE CULTURAL da nossa época, através dos parâmetros espaço-temporais, e como estes vem se refletindo na transição da modernidade à pos-modernidade como formas de pensamentos e ações que contribuem à construção dos modos de vida contemporâneos.



"O carro, rainha das mercadorias": solução ou agressão.

Como protagonista do esquecido espaço social o carro, com seu conforto e segurança encaixotados leva vantagem frente as alternativas oferecidas pela cidade do pedestre.

1 - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Dentro de uma abordagem geral, acompanharei a evolução do conceito do tempo e do espaço e como este conceito, paralelamente ao desenvolvimento da economia política, atuam como determinantes das formas culturais através da historia até os nossos dias.

Por outro lado, na perspectiva do curso de mestrado, tentaremos vincular estreitamente as pautas fundamentais do mesmo, tanto do ponto de vista da economia quanto do aspeto social. Quer dizer que de uma forma geral, tentaremos descrever a evolução da arquitetura como expressão de um tempo e um espaço determinado, condicionada por uma superestrutura econômica e social sintetizada na cultura específica de uma época.

Este enfoque do trabalho leva em consideração, por um lado a minha área de atuação profissional que é a arquitetura, relacionada ao perfil docente, e por outro, a simbiose da arte e da técnica como vertentes da síntese cultural que implica esta profissão.

Dada a complexidade da área, posto que ela se sustenta diretamente em todos os ângulos da própria vida social, devemos também desvendar os aspetos éticos que estão por trás dela.

Mas a arquitetura como expressão cultural se vale de uma linguagem específica que pode e deve refletir um entendimento de um mundo globalizado, e descobrir as próprias soluções espaciais que este tempo necessita. Esta linguagem de formas-espacos reflete as pautas de uma civilização mundial, regional, nacional, local e individual simultaneamente.

O desafio de achar os caminhos para o desenvolvimento de uma consciência e identidade, capaz de expressar um novo espírito de uma nova arquitetura que seja a legítima expressão deste mundo, se converte na principal tarefa do arquiteto contemporâneo.

Os nossos juíços derivam da avaliação dos fatos, razão pela qual se faz imprescindível o controle da carga subjetiva que estes podem acarretar.

Neste processo de elaboração de juíços e conceitos poderíamos distinguir os fatos considerados fundamentais e os transitórios ou secundários.

Através deste sistema de avaliação da realidade, (Giedion, 1978) acreditava poder sistematizar as determinantes dos acontecimentos. Consideramos esta tentativa como uma simplificação do sobrevir histórico essencialmente complexo. Também poderia acontecer que os fatos fundamentais estivessem condicionados pôr aqueles menores ou melhor, pela somatória desses transitórios, numa relação recíproca e dinâmica.

Os fatos fundamentais estariam determinados pelas tendências intermitentes, mais gerais, as quais desenvolvem-se em períodos mais ou menos longos de tempo; ao contrário dos transitórios que se apresentam com esporádico esplendor em curtos períodos de tempo.

Por um lado apreciamos a evolução de fatos fundamentais na tendência à formação de uma tradição ou a expressões culturais consideradas clássicas. Por outro, teríamos as inumeráveis mudanças de direções com que se apresentaram os estilos arquitetônicos depois da metade do século XIX, ou da moda de nossos dias acompanhando os vertiginosos processos mercadológico.

É preciso esta distinção na sua justa dimensão, estabelecendo o equilíbrio que os fatos determinam na evolução da humanidade.



"Shopping Centers": novas tipologias vão preenchendo as necessidades do novo espírito pós-moderno, tentando substituir as constantes da vida social do homem.

2 - A ARQUITETURA COMO SUPORTE FÍSICO DA SOCIEDADE

A arquitetura, intimamente relacionada com a vida de uma época com toda a sua complexidade, reflete os progressos sociais, econômicos, científicos, técnicos, etnológicos, psicológicos, etc. Se converte assim numa testemunha fundamental na valorização de um período histórico. O historiador deve descobrir os enlaces, os pontos de inflexão desses períodos, as linhas principais e resistentes, os elementos específicos e característicos dos mesmos.

Muitas vezes, a abordagem dos estudos das artes tem se restringido a fazer uma exposição de uma sucessão e seqüência de estilos, o que aconteceu particularmente no século XIX. A história da arte era apresentada como o estudo da história dos estilos. Esquecia-se o que estava por traz dos estilos; os enlaces, os nexos as associações e interrelações dos acontecimentos. Ficavam de fora a evolução das estruturas sociais e econômicas que determinavam o processo contínuo do desenvolvimento histórico. A arte era considerada numa dimensão abstrata de forma isolada prescindindo do contexto da realidade da qual era produto, afastando-se da herança do seu tempo-espaço.

O ecletismo expressou a forma mais clara de evasão do presente, e os engenheiros representaram o subconsciente de tudo o que a evolução da tecnologia da Revolução Industrial potencializava.

Um século depois, qual seria a realidade brasileira em quanto aos modelos de representação do espaço-tempo que determinam as formas de vida das cidades?

A tese de que novas formas de ecletismo estariam acontecendo, como efeito de um modernismo abortado poderia ser a resposta correta.

A realidade denuncia um conflito ainda vigente entre arquitetura e engenharia, duas atividades com iguais atribuições. O panorama da arquitetura indica que o espaço que a sociedade tem reservado historicamente aos arquitetos não tem sido preenchido com suficiente energia para que seja reconhecido aquele perfil tão representativo, determinado pelos mestres do Movimento Moderno e em particular por nosso Oscar Niemeyer.

A arquitetura como parte da vida e intimamente ligada a ela, e deve relacionar-se de maneira harmônica de acordo com a organização na base da orientação e o senso que temos daquela.

Por volta do fim do século passado as pessoas perceberam que a arquitetura se apresentava como uma farsa, respondia a uma artificiosa realidade abstrata que procurava as soluções dos problemas do presente também num passado recriado fantasiosamente. Por volta de 1910 a sociedade percebe um novo sentido do espaço. Os pintores como vanguardistas da cultura e assumindo a postura de pesquisadores de laboratório começaram a descobrir o espaço correspondente ao sentimento da época, integrando os avanços técnicos e materiais madurecidos no século anterior e que novamente eram impulsionados no vertiginoso desenvolvimento que não haveria de deter-se no futuro.

A revolução ótica e representada pelos pintores cubistas os que romperiam a tradição da perspectiva com apenas um ponto de vista que dominaria o conceito de espaço durante os últimos quinhentos anos.

Em 1926-27 a arquitetura alcançara o perfeito domínio dos meios de expressão próprios do nosso tempo, cristalizados por personalidades como Wright, Gropius e LeCorbusier que souberam interpretar o próprio espírito de época. Junto com outros artistas foram o receptáculo dos sentimentos, emoções e pensamento da época desvendando assim a verdade da vida transformando-a em termos de signos, petrificando aquele momento da história. (Giedion, 1978).



"Descaracterização dos usos": falta de políticas públicas e investimentos respeito das infra-estruturas urbanas, inviabiliza o funcionamento de qualquer "usuário", tanto do trânsito quanto de outra atividade de caráter social.

3 - ESPAÇO, TEMPO E ARQUITETURA

Plenamente vigente são as colocações e reflexões que em 1960 realizara Sigfried Giedion respeito da crise cultural que acontecia por então, se bem essa crise conseguiu-se aprofundar e certamente as suas características qualitativas evoluirão no rumo das confusões próprias da nossa época.

É permanente a procura de uma verdadeira unidade cultural, uma nova tradição que possa representar a síntese da civilização atual. É uma constante a “luta dos contrários”; por um lado a confusão, a desintegração ou pelo menos a fragmentação da atitude da sociedade defronte a seus problemas, e por outro, a vontade de achar uma resposta capaz de transformar o próprio conflito.

Esse processo, apresenta-se com uma aparente contradição entre os elementos persistentes da continuidade do fluxo do sobrevir da história, é precisamente essa necessária mutação na procura do novo.

Os anos sessenta atingiam um amadurecimento dos lineamentos definidos na Segunda década deste século. Paralelamente a sociedade experimentava cansaço, esgotamento e incerteza, origem da indecisão e porta para a evasão à superficialidade. A arquitetura passa a ser determinada pelos estereótipos ditados pela moda, intimamente emparentada como consumo da cultura de massas.

Os repertórios formais vão rapidamente sucedendo uns aos outros e o pensamento Moderno é substituído pelo Estilo Internacional. Como nos outros aspetos da vida, a arquitetura se transforma numa atividade de “play-boys” permanentemente insatisfeitos da vacia originalidade das suas próprias propostas, experimentando e passando de uma sensação a outra como categorias de um estado de flutuação inconscientes de um permanente formalismo.

A arquitetura começa a se transformar numa espécie de cenário de papelão, donde é mimetizado um modelo de vida virtual, sem raízes nem tradição.

Na ambigüidade dos acontecimentos históricos na formação das tendências da arquitetura moderna compartimos o otimismo com Giedion na perspectiva dos resultados da revolução ótica acontecida por volta de 1910, quando a partir de 1950 perfilam-se as diretrizes de uma nova tradição na arquitetura mundial, tomando conotações singulares através

dos regionalismos, como é o caso de Finlândia, Japão e Brasil. Os regionalismos expressam uma releitura das descobertas de início de século, e consolidam aquelas tendências plásticas surgidas então.

A pesar da complexidade das condições do momento histórico, e do estado de confusão da cultura, ressurgem de maneira inalterável as demandas das constantes da vida. A arquitetura reencontra a “proporção” do ser humano; as propostas contemplam o ser humano na sua dimensão antropológica a pesar da interposição dos prejuízos impostos pela sociedade de consumo. As soluções emergem do homem e apontam ao desenvolvimento dele. A sociedade começa a analisar suas formas de vida e procura alternativas à desapiadada manipulação das consciências; se começa a definir os caminhos a serem percorridos na conquista da vida íntima, propondo um aprofundamento e alargamento da mesma neste sentido. O homem procura atender as suas legítimas necessidades que expressem a real qualidade de vida, através de um tipo de cidade de aspeto mais rural por um lado, e dotando de mais urbanidade as populações rurais por outro.

No caminho dessa arquitetura universal, aparece uma nova concepção do espaço correspondente ao sentimento de nossa época. Não é apenas a forma particular destacada que resume a arquitetura de essa época particular, mas a nova visão dos objetos no espaço numa relação recíproca entre eles e consigo mesmo. Esta visão contempla o efeito das formas no espaço; a relação-separação dos espaços interiores com os exteriores; a projeção de uns sobre os outros, condicionando a justa estima das condições regionais, culturais ambientais pertencentes a um determinado país, não na suas limitações, mas na potencialização da imaginação e criatividade, de onde surgem a identidade através de uma linguagem pessoal característica. Surge por esse caminho a sugerida arquitetura polifônica de Gropius e Niemeyer reinterpretando as novas relações do universal e regional, reconquistando a continuidade da experiência humana, como no caso do Japão que jamais tentou se afastar das suas tradições num fluxo contínuo entre o passado, presente e futuro, também num constante rejuvenescimento das suas características culturais.

O conceito temporal do passado se apresenta como alguma coisa viva e dinâmica. Desta maneira, não é preciso imitar o passado como um recurso para evadir o presente; é um passado que não morreu e faz parte da própria existência. (Giedion, 1978).

Na arquitetura atual, o passado, presente e futuro se confundem na unidade do destino humano, como são refletidos na obra de Picasso onde o elementar, o irracional, o simbólico retoma o primitivo e reivindica plenamente a condição humana. Falamos de um valor de passado na arquitetura quando aparece seu íntimo significado, não apenas na simples expressão externa do aspecto formal de uma proposta superficial.

Assim, superados esses prejuízos, a arquitetura experimenta uma aproximação da escultura com o controle do espaço vazio através da forma material e reciprocamente um com o outro, como se trata-se de um jogo entre causa e efeito, entre continente e conteúdo, entre gênese e geração, coisa que tem se transformado em privilégio de poucos e marca a diferença na atitude frente ao espaço e o tempo.

Desta maneira é atingida uma identidade que expressa as pautas da cultura do mundo contemporâneo levando consigo as raízes do espaço concebido por Egito e Grécia, onde o interior não era essencial; passando pelo espaço interior a céu aberto do período Barroco, até o espaço das esculturas de Giacometti em 1948 onde as figuras eram reduzidas ao mínimo, mas preenchiam o espaço ao máximo como resultado de sua organização naquele espaço.

O tempo na arquitetura não fica limitado a seu significado superficial na aparência das formas, e estas não estão limitadas a sua extensão físico-material, pois dilatam-se, agindo como uma moldura do espaço –faz-me lembrar uma anedota de um pintor, quando numa exposição, perguntaram a ele, onde tinha arrumado a moldura da sua obra – quando esta moldura existe em função daquele espaço. As formas, superfícies e planos não definem somente o espaço interior fechado, possuem uma força que tem um efeito à distância da sua extensão real natural. Ronchamp expressa as reminiscências dos nexos recíprocos entre o interior o exterior e a paisagem. Os arquitetos escultores, como o caso de LeCorbusier, estão sensibilizados à ordenação dos volumes no espaço e a suas relações hierárquicas. Esta unidade entre o homem arquiteto-artista consciente do seu mundo e a síntese da arquitetura contemporânea que ficou como herança dos mestres do modernismo a ser administrada pelas gerações futuras.



"Conflitos flagrantes": dentro da anarquia funcional, desqualificação espacial e desrespeito dos usos sociais, os descuidados clientes do bar "consomen" poeira, e resíduos tóxicos dos carros.



"A partida de xadrez" ... como o mínimo e desatendido equipamento urbano pode promover uma intensa vida social.

4- A LINGUAGEM DO ESPAÇO -I

As cidades como espaço público na América Latina são inviabilizadas pela falência das administrações que respondem a modelos em franca crise propositadamente provocada. As sociedades opulentas, onde nem sequer ali estes modelos são justificados, se permitem criar teorias que pretendem dar um suporte existencial a tais modelos. Prestigiosas escolas e posicionamentos críticos da arquitetura deram em chamar estes modelos de Decontrutivismo. Mas a cidade é produto do homem em sociedade que ordena e sistematiza suas atividades expressando os seus valores e metas, poderia se dizer até, na base do senso comum, sem muita teoria no meio. E essa cultura comum se define e orienta as aspirações de uma comunidade que se reconhece a si mesmo através do sentimento de identidade. A arquitetura é a expressão da cultura e reflete a imagem e identidade de uma sociedade.

“.....a cidade é histórica, dinâmica, coletiva,.....é imperfeita e portanto imprevisível, viva, sua mateira prima são as relações e não as coisas.

Deveríamos reavaliar os aspetos espaciais-formais como intangíveis da qualidade de vida urbana. Esta qualidade de vida, deve contemplar o carácter cosmopolita das cidades contemporâneas, onde incorporam-se grandes contingentes de pessoas que desconhecem os supostos da cultura comum específica.

A cidade real deste século... é a mesquinha e irracional superposição de valores de troca confrontados (o interesse do transporte, da industria, do esgoto, do conjunto habitacional) e dos espaços residuais que sobram daqueles (favelas, banhados, miséria) . (Viana, 1991).

Outro sintoma da desconstrução, aparece nos fechamento dos espaços públicos e funcionalização específica dos espaços comerciais e de reunião, contribuindo ao esvaziamento de conteúdo e perda de valores sociais relevantes dos espaços centrais e urbanos em geral, os que apresentam uma desolada incongruência da proposta física geradora e determinante dos espaços onde vive quotidianamente o ser social.

Como poderia uma sociedade sentir-se representada, identificada no seus valores , na sua ética , na sua estética nesta espacialidade desconstruída? Na presença desta realidade urbana, onde poderemos ler a imagem que represente a existência do social? Neste paisagem urbano,

apenas pode-se apreciar a profunda crise da sociedade urbana contemporânea.

Toda sociedade identifica-se a si mesma através dos vínculos de integração social, espacial e temporal. Todo indivíduo, no sobreviver da sua vida cotidiana, vai gerando os seus micro espaços que o identificam e diferenciam dos demais. Da análise destes espaços poderíamos extrair um perfil da sua personalidade. Do estudo do espaço vital de uma sociedade surge uma série de conclusões sobre sua inserção no tempo e no espaço onde acontece seu desenvolvimento e as características do seu estilo de vida.

O homem sempre tem transformado o ambiente natural, adaptando-o as suas necessidades físicas e psíquicas, de caráter social ou individual. Nos espaços de caráter social podemos distinguir aqueles destinados ao "encontro".

A condição de excelência tanto quanto os recursos e meios para obter aqueles resultados desejados, definem e são definidos ao mesmo tempo pela cultura do grupo considerado. O meio físico construído responde as pautas específicas da sociedade e do momento histórico em que a obra se enquadra.

O espaço construído, está cheio de "mensagens": alguns vem do passado e materializam o vínculo de integração temporal que instrumenta o reconhecimento de si própria pela sociedade através do tempo, e outros são paradigmas que a sociedade constrói permanentemente como proposta e respostas as demandas do seu próprio tempo. A própria questão da onde viemos, onde estamos e para onde vamos.

A sociedade interatua permanentemente com seu espaço: recebe a mensagem, decodifica, e produz novas mensagens através de novas intervenções. Através da história, as diferentes culturas vão "re-semantizando" (1) o espaço, dando um novo destino ao seu uso.

(1) Semântica, estudo da significação das palavras. Adaptação ao significado na arquitetura.

Na atualidade, o aumento irrestrito das possibilidades de movimento das pessoas no planeta e os meios de comunicação de massa permitem um acesso à experiências espaciais geradas por outras culturas. Esta situação nos coloca frente ao perigo da importação de formas sem conteúdos, atribuem-se novas mensagens à formas preexistentes, resultando em dificuldades adicionais para a leitura do espaço. As ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma

estrutura para a existência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade, conformando a identidade cultural da sociedade a qual pertencemos .

....”ha um tempo e um espaço (lugar) para todo”....

As linguagens de espaço-tempo não tem um direito próprio; a semiótica não é independente do espaço-tempo; os significados que as estruturas expressadas por estes, não podem ser compreendidas independentemente da ação social, as que sempre representam relações de poder implicadas precisamente em estas práticas espaço-temporais.

A sociedade do nosso século tem sofrido mudanças radicais, em curtos períodos de tempo. O violento crescimento demográfico paralelamente à urbanização, mobilidade e acessibilidade aos meios de comunicação, faz com que todo nos sejamos um pouco estrangeiros dentro das nossas próprias culturas.

Existe um certo paralelismo respeito aos processos culturais da idade média; o conhecimento como parte do exercício do poder se apresenta como um novo paradigma ao qual poucas elites tem acesso real. É reservado ao homem comum o papel de consumidor ou usuário de uma cultura massificada onde se faz de conta que se educa e se faz de conta que se aprende. Esta afirmação é válida para os atos íntimos da vida mesmo para a determinação dos espaços individuais: não é possível construir a nossa moradia, se faz necessário adaptar as formas de vida à modelos predeterminados, mesmo assim sem considerar a qualidade formal. A realidade denuncia o conflito da compreensão por parte dessa sociedade que apenas se aproxima a uma cultura massificada , das mensagens formais de vanguarda que o arquiteto propõe. Acredito que este processo começa com a democratização das formas culturais através do projeto da Renascença, quando as fórmulas geométricas misteriosas das estruturas góticas são substituídas por edificações concebidas e construídas a partir de um plano unitário desenhado sob medida

Os mecanismos do poder sustentam-se no domínio da informação. Os meios de comunicação de massa se apresentam com um poder social autônomo, com sua força originada na formação de opinião.

O espaço que sustenta as práticas sociais é também um meio de comunicação, e por esta razão as chaves que possibilitam a leitura das mensagens próprias dos sistemas ambientais tendem a se perder nas sociedades urbanas.

As pessoas não tem a experiência do ambiente, apenas interatúam

através de formas pré-determinadas que respondem à modelos de vida pré-estabelecidos. . As relações sociais acontecem através de vínculos alienantes dos meios, simplesmente contemplando a vida passar rapidamente desde o interior de automóvel. As legítimas relações sociais são inviáveis dentro da conformação espacial que expressa esse modelo de vida. O deterioro dos espaços urbanos acompanhado pelo deterioro social apenas da lugar à relativa segurança e conforto do automóvel, o qual atinge e responde a sua categoria de rei das mercadorias.

A grande contradição é que as cidades de hoje e todas as práticas sociais que estas implicam, não funcionariam sem os carros. Como exemplo ilustrativo e muito significativo podemos observar na cidade de Pelotas o caso da Avenida Bento Gonçalves onde acontece a intensa vida social e troca de afetos de fim de semana através do carrossel de carros, o que seria impensável sem este imprescindível protagonista do acontecer social. Vivemos estes espaços sem estabelecer uma relação afetiva com eles. As práticas temporais e espaciais nunca são neutras, sempre exprimem algum tipo de conteúdo de classe, os que as torna, muitas vezes, foco de uma intensa luta social. Tanto o tempo quanto o espaço são definidos por meio da organização de práticas sociais, fundamentalmente para a produção e comércio de mercadorias. Em conseqüência, ninguém sabe quais podem ser o tempo e o lugar certo para tudo, fato que denuncia a instabilidade dos princípios espaciais e temporais.

5- O ESPAÇO COMO MERCADORIA

Os homens se instalam em espaços carregados de preexistências naturais e construídas. Mas este processo tem-se alterado qualitativamente de forma muito significativa: a relação entre o homem e o suporte natural tem-se mediatizado quase totalmente. Muitas vezes até a natureza se apresenta mimetizada pelos paisagista como no caso de Miami. A artificialização progressiva do ambiente alimenta a ilusão de poder prescindir dele. A noção e parâmetros das sensações do corpo (temperatura, vento, horas de luz, insolação, paisagens, distâncias) aparecem modificadas e com a pretensão de substituíveis pelas invenções tecnológicas, as que artificializam todos os âmbitos vitais do ser humano predeterminando os padrões de conforto. É por isso que a natureza passa a ser mais um artigo de consumo; as pessoas passam a

consumir turismo ecológico. Muitas vezes a natureza é consumida pelo uso, além da sua capacidade de suporte. Ainda bem que outros tem a possibilidades das pescarias.

É rara a vez que um turista vê ou participa da verdadeira cultura de uma determinada localidade; geralmente essa cultura é colocada como um produto ou mercadoria a mais, como resposta a oferta de estereótipos comerciais. A autentica vivência é irrepetível e irreproduzível; da maneira que é colocada pelas agencias de turismo só poderá ser consumida. Essa conduta provoca uma crescente dificuldade no entendimento do nosso próprio mundo real, ficamos impressionados pelas “folclóricas” formas e estratégias de sobrevivência de povos longínquos e não sabemos nada da conduta de vida de nossos concidadãos . Pelo mesmo caminho vem se mimetizando a vida no espaço construído. Os nossos sentidos tem-se fechada a essa agressão, caminhamos sem ver onde vamos, não reconhecemos as pessoas que cruzamos, não ouvimos, nem cheiramos e menos estaremos em condições de reconhecer a potencialidade que está por trás do deterioro dos espaços camuflados pelo progresso da evolução do modelo dominante. Quando queremos nos comunicar e desenvolver as nossas afeições, o status dos “watts” e a mídia do álcool manipula a solidão no caminho da frustração. As nossas práticas sociais não tem autonomia no uso do espaço. Participamos e somos parte de uma cultura sem raízes, sustentada na informação de massa alienada do contato direto com a realidade ambiental.

O espaço urbano surge como produto das intervenções de caráter privadas e públicas que por sua vez albergam atividades que assim o confirmam. Estes processos são resultado de diferentes formas de materialização da cidade: a oficial ou formal e a marginal ou informal. Representados ,respetivamente pela administração pública e empreendimentos imobiliários e por outro lado, os espaços residuais desta atividade formal, representado pela população que apenas exerce espontaneamente seu direito a um espaço vital. Os espaços formais ou oficiais, caracterizam por sua vez as atividades de caráter privado e públicas as quais em sua complexa inter-relação, concretizam e identificam as práticas sociais e culturais de uma determinada comunidade. Estes tem sido os espaços cerimoniais e simbólicos que se expressa numa síntese cultural da cidade que atua como suporte dessa comunidade.

“...a forma dominante de produção da cidade é marginal.... . As decisões da administração pública são sempre posteriores e

complementarias”.

As cidades, lugar de encontro por definição, assistem à desapareição dos espaços de encontro e reunião, para se converter numa confusa soma de espaços de uso privativos que não consideram as preexistências ambientais na perspectiva de uma inserção harmônica com estas. O espaço aberto surge como resíduo das intervenções individuais. Este crescimento individualizados, por partes não é negativo em si mesmo, o problema está na incoerência e desintegração das partes.

As normas urbanísticas em lugar de dar apoio a conformação de cidades mais confortáveis tem-se transformado em princípios abstratos que justificam a mediocridade técnica na eficiência e controle do lucro marginal da terra – e do espaço- que na falta de domínio da geometria, fundamento da arte de criar arquitetura, se transforma em fria aritmética controlada pelos computadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No jogo do sobrevir das transformações culturais, a determinação dos espaços, tanto fechados quanto abertos, que representam e expressam o sentimento da época, fica por conta dos arquitetos.

“Estas ações se concretizam em intervenções concretas, criações que poderão ou não contemplar um acordo com a sociedade a qual pertencem, e fundamentalmente os lineamentos que expressa o MACRO PROJETO COLETIVO, ou projeto de vida dessa sociedade”.

O ato de projetar espaços, da expressão individual aplicada a realidade social, não devem existir independentemente ou autonomamente.

“O exercício da profissão de arquiteto não dá o direito a liberdade para se fazer qualquer coisa em qualquer lugar, o que resulta em imposições arbitrárias ao ambiente, ao qual deve-se respeitar como suporte da superior organização que é

a sociedade, a qual tem suas próprias pautas que regulam a formação do espaço

de acordo com os supostos básicos da sua cultura particular”.

(Viana, 1991).

A cidade como formas e tipos de espaços produzidos em determinados tempos, expressam os sentimentos correspondentes do lugar e a cultura específica desse lugar que nada mais é que uma identidade do “ser”.

O espaço descoberto pelo Modernismo como proposta de uma nova tradição veio se confrontar com o conflito da procura de uma nova forma de representar um novo ser, que também, dentro da redescoberta da proposta Iluminista veio à se confrontar com o “vir-a-ser” pos-modernista.

Assim como o mito da objetividade da ciência é contestado por uma manipulação ética que dela se faz, também a estética detém a vocação de uma postura ética de suporte, pelo qual, quando falamos de um espaço pertencente a uma sociedade representada por formas culturais, estamos falando de manifestações de formas políticas estetizadas.

A desconstrução ou desconstrucionismo é a forma de relação do Pos-modernismo com o espaço, pela qual, este, expressa as interpretações efêmeras e fragmentadas do mundo, na perspectiva da acumulação flexível, onde a ficção apresenta o papel principal.

Dentro desta perspectiva, o entrelaçamento de “simulacros” da vida diária, no mundo das mercadorias, ocultam-se sistematicamente os vestígios de origens dos processos de trabalho que os produziram, ou das relações sociais implicadas na sua produção.

A arquitetura não escapa desta formas de fantasias escapistas, e o arquiteto, como participante ativo, na sua fantasia de liberdade de escolha, pode usar o heterogêneo e inevitável linguagem do ecletismo como produto da evolução da cultura global e anárquica paisagem de mundos coexistentes.

Como reação oposta, na busca de uma identidade coletiva ou pessoal, na busca de uma identidade de lugar, paralelamente de um espaço de “individuação” –determinado a partir de um corpo, um quarto, de uma casa, de uma comunidade, de uma nação- como poderemos estabelecer uma ordem social segura, que represente essa identidade se não podemos apenas reconhecer o nosso lugar? Apenas podemos verificar que a hegemonia capitalista no espaço, relega a estética do lugar quase para à última posição da pauta.



"Espaço e infra-estrutura pública": amostra testemunha da falência das cidades ..., ou de suas administrações.

BIBLIOGRAFIA

GIEDION, Sigfried, *Espacio, Tiempo y Arquitectura: El futuro de una nueva tradición*. Madrid: Editora Dossat, 1978.

HARVEY, David, *A Condição Pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

VIANA, Isabel, *La Deconstrucción de la Ciudad*. Montevideo, Revista de la Sociedad de Arquitectos del Uruguay No.261, 1991.